

Espaço | Cultura

Conceito e descrição da ação

Novembro de 2009

O lugar da Cultura

José – poderia ser Maria, Joaquim, Fernanda, Alberto – acorda. E, como todos os dias, levanta-se, faz suas primeiras abluções, vai até a cozinha, bebe um copo d'água, dirige-se à sala e liga a TV. Enquanto termina de se arrumar e engole seu café com pão, alimenta-se de informações e de símbolos.

Maria – poderia ser José, Augusta, Fernando ou Guiomar – desperta em outro canto do País com seu rádio-relógio sintonizado em sua FM preferida. Enquanto se prepara para mais um dia de trabalho, absorve informação e símbolos.

E assim é Joaquim com seu celular, Guiomar na internet, Fernanda com seu livro ou jornal no metrô, dona Augusta com a novela, enquanto prepara o almoço ou a janta. Todo mundo está imerso em cultura: consumindo, e, de certa forma, produzindo, difundindo, fruindo.

Considerando informações do IBGE e do IPEA, a cultura está entre o 6.º e o 4.º maior gasto das famílias brasileiras – depende de que tipo e número de itens listam-se na conta. É responsável por gerar em torno de 5% do Produto Interno Bruto da Nação. Emprega, somente no carnaval carioca, por ano, mais de 300 mil pessoas. Seus trabalhadores possuem média salarial acima dos novecentos reais mensais medidos pelo Ministério do Trabalho ao somar e dividir os proventos do conjunto dos empregados do País com carteira assinada.

Todavia, segundo anuário estatístico de 2009 do Ministério da Cultura, dos municípios brasileiros, 10% não têm biblioteca, e apenas 5% dos brasileiros já visitaram algum museu.

A participação do cinema nacional no mercado interno gira em torno dos 10%, e 90% de nossas cidades não contam com salas de cinema.

Temos somente algo próximo de duas mil livrarias espalhadas por nosso território, concentradas em capitais e grandes cidades do sudeste e do sul, vendendo títulos a preços proibitivos para a maioria da população. Em média, cada habitante deste País não chega a ler dois livros por ano. Dessa leitura, a maioria não é de literatura de ficção ou poesia. Via de regra, da ficção lida, autores estrangeiros figuram nas listas dos mais vendidos.

Essa contradição entre a importância da cultura na vida dos brasileiros e o acesso desses mesmos brasileiros à cultura tem intrigado não poucos especialistas, e vem preocupando o Ministério da Cultura desde sua fundação.

Nos últimos oito anos, o órgão desenvolveu programas e ações que buscaram resolver positivamente essa disjuntiva, ampliando o acesso e apostando no protagonismo da sociedade. O conceito básico da política ministerial é de que cultura é um direito, assim como educação, moradia, saúde, alimentação, voto; de

que cultura gera renda, produz riqueza e é capaz de ser uma economia auto-sustentável; de que cultura é esse espaço de signos em que nos referenciamos e nos movimentamos, ao qual pertencemos e que somos levados, compulsória ou voluntariamente, a manejar.

Em 2007, como coroamento de seus esforços, expressão de seus conceitos, e fruto de seu amadurecimento, o MinC lançou o *Programa Mais Cultura*, cujo objetivo é acoplar a cultura à agenda de desenvolvimento nacional, de modo a fazer com que os cafés-da-manhã e as jornadas de Marias e Josés sejam ainda mais ricos em símbolos e possibilidades.

O Programa Mais Cultura

Concebido como o “PAC da Cultura”, o Programa Mais Cultura é herdeiro e síntese do pensamento, das políticas e das ações do MinC. Sua missão é concretizar, nas cidades e seus múltiplos territórios, espaços, medidas e iniciativas que articulem agentes e ações e que propiciem o acesso e o manejo livre e criativo da diversidade cultural.

Ao trazer o município para o centro de gravidade das políticas de cultura, o Mais Cultura incorpora efetivamente à ação dos poderes públicos nosso ativo simbólico como um importante valor para o desenvolvimento do País e como elemento irrecusável da política estratégica de Estado para reduzir a pobreza e a desigualdade, além de favorecer, tanto a cooperação entre os entes federados, como a participação social na formulação, execução, gestão, monitoramento e avaliação das iniciativas.

Ao mesmo tempo, incorpora e articula outros programas exitosos do Ministério, como o Cultura Viva, com seus Pontos, Pontinhos e Pontões de Cultura; ações de livro e leitura, de audiovisual e de desenvolvimento da economia da cultura.

O Mais Cultura estrutura-se em três dimensões articuladas:

- Cultura e Cidades, voltado para a qualificação do ambiente social, com criação de infra-estrutura nos diversos territórios;
- Cultura e Economia, focado nas questões de ocupação, renda, emprego e de financiamento da cultura.
- Cultura e Cidadania, que contempla o protagonismo cultural, as identidades e a diversidade;

Essas dimensões se interpenetram, complementam-se e ganham materialidade em ações territoriais, sejam elas de constituição ou recuperação de espaços ou equipamentos de cultura, sejam elas de apoio a iniciativas promovidas pelas comunidades, ou ainda de fomento à economia da cultura.

No primeiro caso, figuram os *Espaços Mais Cultura*.

O Espaço

Trata-se de equipamento, construído, recuperado ou adaptado, tanto nas periferias quanto nos centros urbanos, para fruição, produção, difusão, diálogo e convivência cultural das comunidades em que estão instalados ou venham a se instalar, e de estímulo à interação das linguagens artísticas em um mesmo ambiente.

Pensados como equipamentos multiuso e flexíveis, seus projetos arquitetônicos são modulares para que se adaptem às necessidades de cada local, e possam comportar, conjugada ou alternativamente, cinema, teatro, biblioteca, salas para cursos e oficinas, mini-estúdios para edição de imagem e som, telecentros para acesso, formação e produção em cultura digital, saguão para exposições, etc.

Sua programação e gestão ficam a cargo de uma aliança entre poder público, comunidade e entes privados. Eles devem ser instalados em locais que atendam população de baixa renda, ou com altos índices de violência, ou que tenham pouco ou nenhum acesso a meios de fruição, produção ou difusão cultural.

Os projetos arquitetônicos e de intervenção urbanística deverão contemplar espaços adequados para o desenvolvimento de atividades e serviços culturais multifuncionais que dialoguem com as manifestações e expressões artísticas e culturais marcantes da comunidade de acordo com a realidade e vocação local.

Materializando uma idéia

A implantação dos *Espaços Mais Cultura* está fortemente vinculada ao vetor *Cultura e Cidades* do *Programa Mais Cultura*, inaugurando uma fase inédita de atuação do MinC: o investimento na construção de novos espaços físicos da cultura em áreas carentes de equipamentos públicos e infra-estrutura. Reconhece assim, a urgência de atuar através de políticas públicas na “função cultural” das cidades.

Ao investir na construção de edifícios para abrigar Espaços Culturais em áreas desprovidas de equipamentos públicos, enaltece-se a importância do espaço físico de qualidade como aglutinador e otimizador das atividades culturais, artísticas e de leitura. Entendendo o processo cultural como orgânico e dinâmico, pretende-se dar continuidade à construção do diálogo e da gestão compartilhada já desencadeados pelo Programa Cultura Viva.

Considera-se que o centro cultural, assim como a biblioteca pública – esta última entendida também como espaço cultural de múltiplas atividades - devem ser espaços dinâmicos de fruição, difusão e produção cultural. Lugares atraentes, acolhedores e interativos, funcionando como instrumentos de crescimento pessoal e de transformação social, numa articulação entre cultura, educação, ação social e desenvolvimento urbano.

Ao serem implantados em áreas com enormes carências, mas rica em potencialidades, de alta densidade populacional e concentração de jovens e crianças, esses equipamentos culturais incorporam as características de pontos de articulação entre comunidade, entidades e poder público para a realização de múltiplas atividades culturais, podendo tornar-se referência no território local.

O desafio que se coloca é a construção e a prática de uma metodologia inovadora de implantação de edifícios culturais públicos em áreas urbanas precárias, tendo como princípio a participação social ampla durante todo o processo. Deverão ser articulados como atores primordiais do processo o Ministério da Cultura, as Prefeituras e órgãos públicos, a comunidade, as entidades e instituições locais – incluindo-se nessas últimas as universidades públicas, através de projetos de extensão.

A estratégia de atuação será pautada pelo desenvolvimento de atividades que envolvam esses atores no planejamento da gestão, da programação cultural e de elementos do mobiliário e da comunicação visual dos Espaços e Bibliotecas Mais Cultura. Tal processo de planejamento deve envolver os atores citados em torno de oficinas, reuniões, e ações de mobilização, sensibilização e capacitação. O desenvolvimento dessas atividades deve ocorrer preferencialmente no terreno onde será implantado o equipamento ou em suas proximidades, constituindo referência para a comunidade de um espaço aberto, de construção coletiva e de ensaio para as atividades do futuro equipamento - o *Canteiro Mais Cultura*.

Um método para implantação de Espaços Mais Cultura

É fundamental que os Espaços Mais Cultura sejam implantados desde seu começo por meio de planejamento e decisões compartilhadas entre poder público e sociedade, partindo das potencialidades da população e da administração local, e com foco nos quatro eixos estruturantes já tratados. Tendo como princípio que a comunidade é a protagonista do processo de constituição do Espaço, entidades, instituições e gestores públicos devem colaborar entre si e desenvolver ações colaborativas cujo fim é que a conformação física final do equipamento – inserção no bairro, ajustes em sua arquitetura, mobiliário e equipamentos – e seu funcionamento – a gestão, a programação e os usos – sejam resultado de uma construção coletiva, o que potencializará seu uso e sua sustentabilidade.

O MinC propõe que este processo seja desenvolvido a partir da realização de oficinas de mobilização social, capacitação, produção de elementos de design – mobiliário e comunicação visual -, intervenção arquitetônica e paisagística, planejamento de usos e programação. A essas ações, verdadeiro processo de construção do Espaço Mais Cultura, o Ministério chama **Canteiro Mais Cultura**.

Canteiro Mais Cultura

O **Canteiro Mais Cultura** consiste em espaço, instalado sempre que possível no próprio terreno da obra ou em local próximo, aberto à comunidade local, voltado para realização de reuniões e oficinas que subsidiem a implementação do Espaço e para outras atividades culturais, fazendo do local uma referência antes mesmo da construção do edifício.

As atividades do Canteiro Mais Cultura serão planejadas de forma colaborativa pelas comunidades e poder público, podendo seguir linhas diferentes de trabalho e de métodos em cada caso. No entanto, indica-se um conjunto básico de oficinas de gestão, usos, programação e design, no intuito de atingir as metas definidas na ação de implantação dos Espaços Mais Cultura:

A) Oficinas de sensibilização, cujos objetivos são preparar a comunidade para a chegada do equipamento, fortalecer os laços comunitários e as redes sociais existentes em torno dos sonhos coletivos para o bairro.

B) Oficinas de formação do grupo gestor, cujos fins são: constituir grupo gestor para cada equipamento, composto por membros da comunidade, de entidades e do poder público local; capacitar o grupo para gestão do equipamento; instituir o grupo juridicamente; capacitar o grupo para captação de recursos.

C) Oficinas de planejamento de usos e da programação cultural, para elaborar programação para o Canteiro Mais Cultura e para os primeiros meses de funcionamento do equipamento, potencializando grupos e agentes culturais já atuantes na comunidade; articular a programação às linhas de apoio do Ministério da Cultura e de outras instituições; definir uma grade programática e respectivo orçamento.

D) Oficinas de intervenção coletiva no edifício e seu entorno, para planejar e executar uma ação de intervenção no edifício – painel, jardim, escultura, etc - que enfatize a identidade local. Pode ser também uma ação não material, como um evento ou festa, mas que fortaleça a identidade local. Sugere-se que seja feita ao final da obra.

E) Oficinas de design, cujo fim é planejar elementos de design – mobiliário, comunicação visual e objetos - para o equipamento, tendo como referência a cultura local.

F) Cursos de capacitação do quadro de funcionários, de modo a capacitar os funcionários e membros do grupo gestor em temas específicos (gestão financeira, transparência, produção de eventos, programação cultural), visando à gestão e o planejamento contínuos do equipamento.

G) Oficinas de fotografia e vídeo digital para jovens, visando introduzir a prática de documentação das atividades do Espaço por meio da documentação

das atividades do Canteiro. O resultado pode ser exposto por meio de fotos, da exibição dos mini-vídeos, e da publicação do material na Internet.

O Canteiro Mais Cultura, ao realizar esse conjunto de atividades, e outras que a comunidade certamente proporá, torna-se assim poderoso instrumento, verdadeira ferramenta de construção colaborativa e de apropriação coletiva do Espaço. É o momento em que idéia e método ganham materialidade.

Eixos de Ação para implantação do Espaço

O Ministério da Cultura definiu os seguintes eixos de trabalho, que devem estruturar a implantação desses novos espaços culturais: Inserção urbana, Arquitetura e Construção; Gestão; Mobiliário e Comunicação Visual; Usos e Programação. Tais eixos são organizativos e estruturadores da ação, não devendo, no entanto, limitar ou fracionar o desenvolvimento do trabalho. Especialmente os eixos Gestão e Programação deverão ser desenvolvidos de forma conjunta.

Eixo 1: Inserção Urbana, Arquitetura e Construção

Os Espaços Mais Cultura devem seguir os seguintes princípios de projeto arquitetônico e inserção urbana:

- Conformação de espaços adequados para o desenvolvimento de atividades e serviços culturais multifuncionais que dialoguem com as manifestações e expressões artísticas e culturais marcantes da comunidade de acordo com a realidade e vocação local.
- Terrenos com centralidade no bairro, de fácil acessibilidade e preferencialmente nas esquinas das quadras;
- Arquitetura criativa, com personalidade estética, convidativa e familiar para a comunidade local, e que preveja uso de materiais de alta qualidade;
- Valorização da cultura construtiva local;
- Abertura do edifício para o bairro e a rua;
- Áreas externas valorizadas – Jardins e Cinema ao ar livre;
- Possibilidade de ampliação do edifício.
- Projeto referência a ser adaptado a cada terreno, clima, e cultura locais; Servirá de referência para o desenvolvimento dos projetos básicos e executivos pelas prefeituras;

Considerando a diversidade local, principalmente em termos de dotação de recursos, disponibilidade de área, tamanho da população beneficiada, e práticas culturais locais, foram pensados quatro modelos para os Espaços Mais Cultura:

Modelo 1 (225m²) – Espaço configurado com salas ou grande salão para oficinas para usos diversos como: oficinas, atividades artísticas, cursos reuniões sociais apresentações e exposições;

Modelo 2 (450m²) - Espaço configurado por três espaços integrados: biblioteca, teatro e salas de oficinas;

Modelo 3 (950m²) – Espaço configurado por quatro espaços integrados: biblioteca, cine-teatro, salas de oficinas e espaço memória;

Modelo 4 (1.350m²) – Espaço configurado por quatro espaços: biblioteca, cineteatro, salas de oficinas e espaço memória.

Eixo 2: Gestão

A administração do Espaço deve ser compartilhada entre comunidade e poder público. Seu sentido é colaborativo. A comunidade deve ser a protagonista na implantação e condução do equipamento, nos processos de construção de um sistema local de gestão, na definição dos usos e da programação, e no planejamento de elementos de design.

Gestão compartilhada e colaborativa pressupõe o fortalecimento e a capacitação da comunidade e dos gestores públicos, e o trabalho deve ser desenvolvido tendo como meta a constituição de um grupo gestor, com participação da sociedade civil e do poder público local, instituído juridicamente. Tal meta, se alcançada, facilitará a captação de recursos para futuros projetos do equipamento.

Devem ser buscadas parcerias entre a comunidade, o poder público local e entidades atuantes na área, fortalecendo o trabalho conjunto em torno do equipamento, com envolvimento especial de universidades públicas, através de projetos de extensão universitária. E devem ser fomentadas as redes entre as Bibliotecas Mais Cultura, Espaços Mais Cultura e demais equipamentos públicos culturais, através de plataforma virtual e da promoção de encontros e eventos.

Eixo 3: Mobiliário e Comunicação Visual

O mobiliário e a comunicação visual dos Espaços devem estar adequados aos contextos social, ambiental, econômico e cultural dos lugares onde serão instalados, considerando a produção, a estética e a identificação regional. É muito importante que se fomente um design de qualidade e economicamente viável, aliado ao fomento das indústrias e saberes locais.

Os mobiliários devem considerar:

1. CRIATIVIDADE: Reconhecer e incentivar a multiplicidade cultural, ambiental e regional interna brasileira - histórias e valores - ao identificar os recursos e vocações de cada lugar e de seus usuários.

2. PROCESSOS DE DESIGN (criação, produção e uso) que incluam a participação social efetiva, envolvimento e articulação dos atores envolvidos, e como gerador de renda. Foco na sustentabilidade, reconhecendo as intersecções entre artesanato e produção industrial, e os novos meios customizados e variados de produção.

3. QUALIDADE SENSORIAL E AMBIENTAL: o mobiliário deve ser funcional, de durabilidade prolongada, de fácil manutenção, ergonômico, flexível e desmontável;

e como qualificador dos espaços, fazendo-os acolhedores, integrados ao lugar, e que sejam suportes para produção, troca e difusão de conhecimento e culturas.

4. A IDENTIDADE VISUAL do Programa Mais Cultura.

Eixo 4: Usos e Programação

Os Espaços Mais Cultura comporão uma *rede de equipamentos culturais* (nacional, estadual e local) para o acesso a produtos e serviços culturais de qualidade. Devem constituir espaços dinâmicos e dinamizadores de lazer, vivência, criação, expressão, e de fruição e ativação dos intercâmbios culturais e simbólicos em territórios urbanos caracterizados por baixos indicadores sociais e de renda.

O objetivo do planejamento de usos e programação é fazer desses espaços lugares “praticados” pelos moradores vizinhos. Praticar significa aqui, freqüentar com liberdade, com ludicidade. Os espaços devem ser apreendidos como extensão da sala de estar, mas também como uma “ponte” para conhecimento da cidade onde se encontra, atuando no que seria uma vertente do desenvolvimento humano no urbano.

Os usos escolhidos devem considerar todas as faixas etárias, pois isto é o que fará com que os espaços estejam a maior parte do dia sendo apropriados.

A “Palheta” de atividades deverá mesclar programas municipais, atividades/eventos das organizações culturais locais, além de receber extensões dos programas do MINC, incluindo a FUNARTE. O princípio base deve ser a diversidade de programação e intensidade de apropriação social gerando um leque inventivo e plural de experiências de usos na rede de espaços mais cultura

Para que o equipamento torne-se parte do cotidiano das pessoas e do bairro é importante que seu funcionamento seja de 7 dias por semana, incluindo o período noturno, com previsão de 1 dia fechado quinzenalmente para manutenção de acervo e limpeza.

Para a sustentabilidade das atividades é desejável que se estabeleçam parcerias e convênios com os programas de extensão universitária das instituições de ensino superior e outras instituições presentes na cidade e no estado.

Sugere-se que o repertório básico do Espaço considere:

- Programas já existentes nas Secretarias Municipais de Cultura;
- Articulação com ações e programas do MINC;
- Atividades e grupos atuantes nas comunidades e nas cidades, incluindo atividades de extensão nas universidades públicas locais.

O poder público local deve prever em seus orçamentos anuais recursos para manutenção e programação do Espaço.

Um possível cenário

Noite de quinta-feira, Maria, ou José – poderia ser Manuela, Justino, Dagmar – chega em casa, toma um banho e vai para o Espaço Mais Cultura – assistir a um filme, curtir um show de música, participar de uma oficina, ou mesmo presidir a reunião do Grupo Gestor do equipamento.

Na manhã seguinte, acordará para mais um dia de faina ao som de seu rádio-relógio, ligará sua TV e visitará seu e-mail para ver quais as novidades em produção, fruição e difusão cultural. Depois, vai conectar-se à rede de amigos do Espaço, para definir rumos da cultura, da educação, do lazer, da saúde e da geração de renda para sua comunidade.

Fim de semana, irá à biblioteca, tomará emprestado um livro e sentará nos bancos sob as árvores do entorno do Espaço. Farto de leitura, namorará, conversará com seu vizinho; combinará com os seus atividades e idéias.

José, Maria, João, Lucila estarão todos articulados numa rede colaborativa; empoderados para desenvolver ação cultural e social capaz de transformar sua cidade e seu País.

Não é um cenário dado. Mas é possível.



PROGRAMA MAIS CULTURA

Silvana Meireles, Coordenadora Executiva
Fabiano Santos, Diretor de Livro, Leitura e Literatura
Vinícius Palmeira, Diretor de Programas Integrados
Gabriela Gambi, Coordenadora de Livro e Leitura
Geraldo Horta, Coordenador de Articulação e Integração
Mônica Monteiro, Coordenadora de Ações

EQUIPE TÉCNICA ESPAÇOS MAIS CULTURA

Mônica Monteiro
Elder Vieira

Consultores

Alexandre Delijaicov
Isadora Tami Tsukumo
Ligia Nobre
Marcia Ferran
Silvana Tamiazi

O lugar da Cultura

José – poderia ser Maria, Joaquim, Fernanda, Alberto – acorda. E, como todos os dias, levanta-se, faz suas primeiras abluções, vai até a cozinha, bebe um copo d'água, dirige-se à sala e liga a TV. Enquanto termina de se arrumar e engole seu café com pão, alimenta-se de informações e de símbolos.

Maria – poderia ser José, Augusta, Fernando ou Guiomar – desperta em outro canto do País com seu rádio-relógio sintonizado em sua FM preferida. Enquanto se prepara para mais um dia de trabalho, absorve informação e símbolos.

E assim é Joaquim com seu celular, Guiomar na internet, Fernanda com seu livro ou jornal no metrô, dona Augusta com a novela, enquanto prepara o almoço ou a janta. Todo mundo está imerso em cultura: consumindo, e, de certa forma, produzindo, difundindo, fruindo.

Considerando informações do IBGE e do IPEA, a cultura está entre o 6.º e o 4.º maior gasto das famílias brasileiras – depende de que tipo e número de itens listam-se na conta. É responsável por gerar em torno de 5% do Produto Interno Bruto da Nação. Emprega, somente no carnaval carioca, por ano, mais de 300 mil pessoas. Seus trabalhadores possuem média salarial acima dos novecentos reais mensais medidos pelo Ministério do Trabalho ao somar e dividir os proventos do conjunto dos empregados do País com carteira assinada.

Todavia, segundo anuário estatístico de 2009 do Ministério da Cultura, dos municípios brasileiros, 10% não têm biblioteca, e apenas 5% dos brasileiros já visitaram algum museu.

A participação do cinema nacional no mercado interno gira em torno dos 10%, e 90% de nossas cidades não contam com salas de cinema.

Temos somente algo próximo de duas mil livrarias espalhadas por nosso território, concentradas em capitais e grandes cidades do sudeste e do sul, vendendo títulos a preços proibitivos para a maioria da população. Em média, cada habitante deste País não chega a ler dois livros por ano. Dessa leitura, a maioria não é de literatura de ficção ou poesia. Via de regra, da ficção lida, autores estrangeiros figuram nas listas dos mais vendidos.

Essa contradição entre a importância da cultura na vida dos brasileiros e o acesso desses mesmos brasileiros à cultura tem intrigado não poucos especialistas, e vem preocupando o Ministério da Cultura desde sua fundação.

Nos últimos oito anos, o órgão desenvolveu programas e ações que buscaram resolver positivamente essa disjuntiva, ampliando o acesso e apostando no protagonismo da sociedade. O conceito básico da política ministerial é de que cultura é um direito, assim como educação, moradia, saúde, alimentação, voto; de

que cultura gera renda, produz riqueza e é capaz de ser uma economia auto-sustentável; de que cultura é esse espaço de signos em que nos referenciamos e nos movimentamos, ao qual pertencemos e que somos levados, compulsória ou voluntariamente, a manejar.

Em 2007, como coroamento de seus esforços, expressão de seus conceitos, e fruto de seu amadurecimento, o MinC lançou o *Programa Mais Cultura*, cujo objetivo é acoplar a cultura à agenda de desenvolvimento nacional, de modo a fazer com que os cafés-da-manhã e as jornadas de Marias e Josés sejam ainda mais ricos em símbolos e possibilidades.

O Programa Mais Cultura

Concebido como o “PAC da Cultura”, o Programa Mais Cultura é herdeiro e síntese do pensamento, das políticas e das ações do MinC. Sua missão é concretizar, nas cidades e seus múltiplos territórios, espaços, medidas e iniciativas que articulem agentes e ações e que propiciem o acesso e o manejo livre e criativo da diversidade cultural.

Ao trazer o município para o centro de gravidade das políticas de cultura, o Mais Cultura incorpora efetivamente à ação dos poderes públicos nosso ativo simbólico como um importante valor para o desenvolvimento do País e como elemento irrecusável da política estratégica de Estado para reduzir a pobreza e a desigualdade, além de favorecer, tanto a cooperação entre os entes federados, como a participação social na formulação, execução, gestão, monitoramento e avaliação das iniciativas.

Ao mesmo tempo, incorpora e articula outros programas exitosos do Ministério, como o Cultura Viva, com seus Pontos, Pontinhos e Pontões de Cultura; ações de livro e leitura, de audiovisual e de desenvolvimento da economia da cultura.

O Mais Cultura estrutura-se em três dimensões articuladas:

- Cultura e Cidades, voltado para a qualificação do ambiente social, com criação de infra-estrutura nos diversos territórios;
- Cultura e Economia, focado nas questões de ocupação, renda, emprego e de financiamento da cultura.
- Cultura e Cidadania, que contempla o protagonismo cultural, as identidades e a diversidade;

Essas dimensões se interpenetram, complementam-se e ganham materialidade em ações territoriais, sejam elas de constituição ou recuperação de espaços ou equipamentos de cultura, sejam elas de apoio a iniciativas promovidas pelas comunidades, ou ainda de fomento à economia da cultura.

No primeiro caso, figuram os *Espaços Mais Cultura*.

O Espaço

Trata-se de equipamento, construído, recuperado ou adaptado, tanto nas periferias quanto nos centros urbanos, para fruição, produção, difusão, diálogo e convivência cultural das comunidades em que estão instalados ou venham a se instalar, e de estímulo à interação das linguagens artísticas em um mesmo ambiente.

Pensados como equipamentos multiuso e flexíveis, seus projetos arquitetônicos são modulares para que se adaptem às necessidades de cada local, e possam comportar, conjugada ou alternativamente, cinema, teatro, biblioteca, salas para cursos e oficinas, mini-estúdios para edição de imagem e som, telecentros para acesso, formação e produção em cultura digital, saguão para exposições, etc.

Sua programação e gestão ficam a cargo de uma aliança entre poder público, comunidade e entes privados. Eles devem ser instalados em locais que atendam população de baixa renda, ou com altos índices de violência, ou que tenham pouco ou nenhum acesso a meios de fruição, produção ou difusão cultural.

Os projetos arquitetônicos e de intervenção urbanística deverão contemplar espaços adequados para o desenvolvimento de atividades e serviços culturais multifuncionais que dialoguem com as manifestações e expressões artísticas e culturais marcantes da comunidade de acordo com a realidade e vocação local.

Materializando uma idéia

A implantação dos *Espaços Mais Cultura* está fortemente vinculada ao vetor *Cultura e Cidades* do *Programa Mais Cultura*, inaugurando uma fase inédita de atuação do MinC: o investimento na construção de novos espaços físicos da cultura em áreas carentes de equipamentos públicos e infra-estrutura. Reconhece assim, a urgência de atuar através de políticas públicas na “função cultural” das cidades.

Ao investir na construção de edifícios para abrigar Espaços Culturais em áreas desprovidas de equipamentos públicos, enaltece-se a importância do espaço físico de qualidade como aglutinador e otimizador das atividades culturais, artísticas e de leitura. Entendendo o processo cultural como orgânico e dinâmico, pretende-se dar continuidade à construção do diálogo e da gestão compartilhada já desencadeados pelo Programa Cultura Viva.

Considera-se que o centro cultural, assim como a biblioteca pública – esta última entendida também como espaço cultural de múltiplas atividades - devem ser espaços dinâmicos de fruição, difusão e produção cultural. Lugares atraentes, acolhedores e interativos, funcionando como instrumentos de crescimento pessoal e de transformação social, numa articulação entre cultura, educação, ação social e desenvolvimento urbano.

Ao serem implantados em áreas com enormes carências, mas rica em potencialidades, de alta densidade populacional e concentração de jovens e crianças, esses equipamentos culturais incorporam as características de pontos de articulação entre comunidade, entidades e poder público para a realização de múltiplas atividades culturais, podendo tornar-se referência no território local.

O desafio que se coloca é a construção e a prática de uma metodologia inovadora de implantação de edifícios culturais públicos em áreas urbanas precárias, tendo como princípio a participação social ampla durante todo o processo. Deverão ser articulados como atores primordiais do processo o Ministério da Cultura, as Prefeituras e órgãos públicos, a comunidade, as entidades e instituições locais – incluindo-se nessas últimas as universidades públicas, através de projetos de extensão.

A estratégia de atuação será pautada pelo desenvolvimento de atividades que envolvam esses atores no planejamento da gestão, da programação cultural e de elementos do mobiliário e da comunicação visual dos Espaços e Bibliotecas Mais Cultura. Tal processo de planejamento deve envolver os atores citados em torno de oficinas, reuniões, e ações de mobilização, sensibilização e capacitação. O desenvolvimento dessas atividades deve ocorrer preferencialmente no terreno onde será implantado o equipamento ou em suas proximidades, constituindo referência para a comunidade de um espaço aberto, de construção coletiva e de ensaio para as atividades do futuro equipamento - o *Canteiro Mais Cultura*.

Um método para implantação de Espaços Mais Cultura

É fundamental que os Espaços Mais Cultura sejam implantados desde seu começo por meio de planejamento e decisões compartilhadas entre poder público e sociedade, partindo das potencialidades da população e da administração local, e com foco nos quatro eixos estruturantes já tratados. Tendo como princípio que a comunidade é a protagonista do processo de constituição do Espaço, entidades, instituições e gestores públicos devem colaborar entre si e desenvolver ações colaborativas cujo fim é que a conformação física final do equipamento – inserção no bairro, ajustes em sua arquitetura, mobiliário e equipamentos – e seu funcionamento – a gestão, a programação e os usos – sejam resultado de uma construção coletiva, o que potencializará seu uso e sua sustentabilidade.

O MinC propõe que este processo seja desenvolvido a partir da realização de oficinas de mobilização social, capacitação, produção de elementos de design – mobiliário e comunicação visual -, intervenção arquitetônica e paisagística, planejamento de usos e programação. A essas ações, verdadeiro processo de construção do Espaço Mais Cultura, o Ministério chama **Canteiro Mais Cultura**.

Canteiro Mais Cultura

O **Canteiro Mais Cultura** consiste em espaço, instalado sempre que possível no próprio terreno da obra ou em local próximo, aberto à comunidade local, voltado para realização de reuniões e oficinas que subsidiem a implementação do Espaço e para outras atividades culturais, fazendo do local uma referência antes mesmo da construção do edifício.

As atividades do Canteiro Mais Cultura serão planejadas de forma colaborativa pelas comunidades e poder público, podendo seguir linhas diferentes de trabalho e de métodos em cada caso. No entanto, indica-se um conjunto básico de oficinas de gestão, usos, programação e design, no intuito de atingir as metas definidas na ação de implantação dos Espaços Mais Cultura:

A) Oficinas de sensibilização, cujos objetivos são preparar a comunidade para a chegada do equipamento, fortalecer os laços comunitários e as redes sociais existentes em torno dos sonhos coletivos para o bairro.

B) Oficinas de formação do grupo gestor, cujos fins são: constituir grupo gestor para cada equipamento, composto por membros da comunidade, de entidades e do poder público local; capacitar o grupo para gestão do equipamento; instituir o grupo juridicamente; capacitar o grupo para captação de recursos.

C) Oficinas de planejamento de usos e da programação cultural, para elaborar programação para o Canteiro Mais Cultura e para os primeiros meses de funcionamento do equipamento, potencializando grupos e agentes culturais já atuantes na comunidade; articular a programação às linhas de apoio do Ministério da Cultura e de outras instituições; definir uma grade programática e respectivo orçamento.

D) Oficinas de intervenção coletiva no edifício e seu entorno, para planejar e executar uma ação de intervenção no edifício – painel, jardim, escultura, etc - que enfatize a identidade local. Pode ser também uma ação não material, como um evento ou festa, mas que fortaleça a identidade local. Sugere-se que seja feita ao final da obra.

E) Oficinas de design, cujo fim é planejar elementos de design – mobiliário, comunicação visual e objetos - para o equipamento, tendo como referência a cultura local.

F) Cursos de capacitação do quadro de funcionários, de modo a capacitar os funcionários e membros do grupo gestor em temas específicos (gestão financeira, transparência, produção de eventos, programação cultural), visando à gestão e o planejamento contínuos do equipamento.

G) Oficinas de fotografia e vídeo digital para jovens, visando introduzir a prática de documentação das atividades do Espaço por meio da documentação

das atividades do Canteiro. O resultado pode ser exposto por meio de fotos, da exibição dos mini-vídeos, e da publicação do material na Internet.

O Canteiro Mais Cultura, ao realizar esse conjunto de atividades, e outras que a comunidade certamente proporá, torna-se assim poderoso instrumento, verdadeira ferramenta de construção colaborativa e de apropriação coletiva do Espaço. É o momento em que idéia e método ganham materialidade.

Eixos de Ação para implantação do Espaço

O Ministério da Cultura definiu os seguintes eixos de trabalho, que devem estruturar a implantação desses novos espaços culturais: Inserção urbana, Arquitetura e Construção; Gestão; Mobiliário e Comunicação Visual; Usos e Programação. Tais eixos são organizativos e estruturadores da ação, não devendo, no entanto, limitar ou fracionar o desenvolvimento do trabalho. Especialmente os eixos Gestão e Programação deverão ser desenvolvidos de forma conjunta.

Eixo 1: Inserção Urbana, Arquitetura e Construção

Os Espaços Mais Cultura devem seguir os seguintes princípios de projeto arquitetônico e inserção urbana:

- Conformação de espaços adequados para o desenvolvimento de atividades e serviços culturais multifuncionais que dialoguem com as manifestações e expressões artísticas e culturais marcantes da comunidade de acordo com a realidade e vocação local.
- Terrenos com centralidade no bairro, de fácil acessibilidade e preferencialmente nas esquinas das quadras;
- Arquitetura criativa, com personalidade estética, convidativa e familiar para a comunidade local, e que preveja uso de materiais de alta qualidade;
- Valorização da cultura construtiva local;
- Abertura do edifício para o bairro e a rua;
- Áreas externas valorizadas – Jardins e Cinema ao ar livre;
- Possibilidade de ampliação do edifício.
- Projeto referência a ser adaptado a cada terreno, clima, e cultura locais; Servirá de referência para o desenvolvimento dos projetos básicos e executivos pelas prefeituras;

Considerando a diversidade local, principalmente em termos de dotação de recursos, disponibilidade de área, tamanho da população beneficiada, e práticas culturais locais, foram pensados quatro modelos para os Espaços Mais Cultura:

Modelo 1 (225m²) – Espaço configurado com salas ou grande salão para oficinas para usos diversos como: oficinas, atividades artísticas, cursos reuniões sociais apresentações e exposições;

Modelo 2 (450m²) - Espaço configurado por três espaços integrados: biblioteca, teatro e salas de oficinas;

Modelo 3 (950m²) – Espaço configurado por quatro espaços integrados: biblioteca, cine-teatro, salas de oficinas e espaço memória;

Modelo 4 (1.350m²) – Espaço configurado por quatro espaços: biblioteca, cineteatro, salas de oficinas e espaço memória.

Eixo 2: Gestão

A administração do Espaço deve ser compartilhada entre comunidade e poder público. Seu sentido é colaborativo. A comunidade deve ser a protagonista na implantação e condução do equipamento, nos processos de construção de um sistema local de gestão, na definição dos usos e da programação, e no planejamento de elementos de design.

Gestão compartilhada e colaborativa pressupõe o fortalecimento e a capacitação da comunidade e dos gestores públicos, e o trabalho deve ser desenvolvido tendo como meta a constituição de um grupo gestor, com participação da sociedade civil e do poder público local, instituído juridicamente. Tal meta, se alcançada, facilitará a captação de recursos para futuros projetos do equipamento.

Devem ser buscadas parcerias entre a comunidade, o poder público local e entidades atuantes na área, fortalecendo o trabalho conjunto em torno do equipamento, com envolvimento especial de universidades públicas, através de projetos de extensão universitária. E devem ser fomentadas as redes entre as Bibliotecas Mais Cultura, Espaços Mais Cultura e demais equipamentos públicos culturais, através de plataforma virtual e da promoção de encontros e eventos.

Eixo 3: Mobiliário e Comunicação Visual

O mobiliário e a comunicação visual dos Espaços devem estar adequados aos contextos social, ambiental, econômico e cultural dos lugares onde serão instalados, considerando a produção, a estética e a identificação regional. É muito importante que se fomente um design de qualidade e economicamente viável, aliado ao fomento das indústrias e saberes locais.

Os mobiliários devem considerar:

1. CRIATIVIDADE: Reconhecer e incentivar a multiplicidade cultural, ambiental e regional interna brasileira - histórias e valores - ao identificar os recursos e vocações de cada lugar e de seus usuários.

2. PROCESSOS DE DESIGN (criação, produção e uso) que incluam a participação social efetiva, envolvimento e articulação dos atores envolvidos, e como gerador de renda. Foco na sustentabilidade, reconhecendo as intersecções entre artesanato e produção industrial, e os novos meios customizados e variados de produção.

3. QUALIDADE SENSORIAL E AMBIENTAL: o mobiliário deve ser funcional, de durabilidade prolongada, de fácil manutenção, ergonômico, flexível e desmontável;

e como qualificador dos espaços, fazendo-os acolhedores, integrados ao lugar, e que sejam suportes para produção, troca e difusão de conhecimento e culturas.

4. A IDENTIDADE VISUAL do Programa Mais Cultura.

Eixo 4: Usos e Programação

Os Espaços Mais Cultura comporão uma *rede de equipamentos culturais* (nacional, estadual e local) para o acesso a produtos e serviços culturais de qualidade. Devem constituir espaços dinâmicos e dinamizadores de lazer, vivência, criação, expressão, e de fruição e ativação dos intercâmbios culturais e simbólicos em territórios urbanos caracterizados por baixos indicadores sociais e de renda.

O objetivo do planejamento de usos e programação é fazer desses espaços lugares “praticados” pelos moradores vizinhos. Praticar significa aqui, freqüentar com liberdade, com ludicidade. Os espaços devem ser apreendidos como extensão da sala de estar, mas também como uma “ponte” para conhecimento da cidade onde se encontra, atuando no que seria uma vertente do desenvolvimento humano no urbano.

Os usos escolhidos devem considerar todas as faixas etárias, pois isto é o que fará com que os espaços estejam a maior parte do dia sendo apropriados.

A “Palheta” de atividades deverá mesclar programas municipais, atividades/ eventos das organizações culturais locais, além de receber extensões dos programas do MINC, incluindo a FUNARTE. O princípio base deve ser a diversidade de programação e intensidade de apropriação social gerando um leque inventivo e plural de experiências de usos na rede de espaços mais cultura

Para que o equipamento torne-se parte do cotidiano das pessoas e do bairro é importante que seu funcionamento seja de 7 dias por semana, incluindo o período noturno, com previsão de 1 dia fechado quinzenalmente para manutenção de acervo e limpeza.

Para a sustentabilidade das atividades é desejável que se estabeleçam parcerias e convênios com os programas de extensão universitária das instituições de ensino superior e outras instituições presentes na cidade e no estado.

Sugere-se que o repertório básico do Espaço considere:

- Programas já existentes nas Secretarias Municipais de Cultura;
- Articulação com ações e programas do MINC;
- Atividades e grupos atuantes nas comunidades e nas cidades, incluindo atividades de extensão nas universidades públicas locais.

O poder público local deve prever em seus orçamentos anuais recursos para manutenção e programação do Espaço.

Um possível cenário

Noite de quinta-feira, Maria, ou José – poderia ser Manuela, Justino, Dagmar – chega em casa, toma um banho e vai para o Espaço Mais Cultura – assistir a um filme, curtir um show de música, participar de uma oficina, ou mesmo presidir a reunião do Grupo Gestor do equipamento.

Na manhã seguinte, acordará para mais um dia de faina ao som de seu rádio-relógio, ligará sua TV e visitará seu e-mail para ver quais as novidades em produção, fruição e difusão cultural. Depois, vai conectar-se à rede de amigos do Espaço, para definir rumos da cultura, da educação, do lazer, da saúde e da geração de renda para sua comunidade.

Fim de semana, irá à biblioteca, tomará emprestado um livro e sentará nos bancos sob as árvores do entorno do Espaço. Farto de leitura, namorará, conversará com seu vizinho; combinará com os seus atividades e idéias.

José, Maria, João, Lucila estarão todos articulados numa rede colaborativa; empoderados para desenvolver ação cultural e social capaz de transformar sua cidade e seu País.

Não é um cenário dado. Mas é possível.



PROGRAMA MAIS CULTURA

Silvana Meireles, Coordenadora Executiva
Fabiano Santos, Diretor de Livro, Leitura e Literatura
Vinícius Palmeira, Diretor de Programas Integrados
Gabriela Gambi, Coordenadora de Livro e Leitura
Geraldo Horta, Coordenador de Articulação e Integração
Mônica Monteiro, Coordenadora de Ações

EQUIPE TÉCNICA ESPAÇOS MAIS CULTURA

Mônica Monteiro

Elder Vieira

Consultores

Alexandre Delijaicov

Isadora Tami Tsukumo

Ligia Nobre

Marcia Ferran

Silvana Tamiazi